

**Prof.<sup>a</sup> Anita Kon**

No mês de Maio as contas do governo central (Tesouro Nacional, Previdência Social e Banco Central) apresentaram uma piora, quando o superávit primário (receita menos despesas, exceto os juros da dívida pública) declinou em 80,8%, situando-se em R\$ 2,816 bilhões, o menor resultado do ano, o que é sazonal em cada ano. O aumento do salário mínimo (concedido em abril, mas com efeito no caixa de maio) gerou um impacto negativo nas contas do governo federal através de aposentadorias e pensões pagas pela Previdência e também de outros benefícios como o seguro-desemprego, o abono salarial e a Loas (Lei Orgânica da Assistência Social). Em proporção do Produto Interno Bruto (PIB) a queda fica mais evidente, pois nos cinco primeiros meses de 2005, o superávit representava 4,32% do produto e no mesmo período de 2006 ficou em 3,99%.

A carga tributária brasileira também registrou pequena redução no primeiro trimestre deste ano em relação ao mesmo período de 2005, mas ainda continua no patamar extremamente elevado de 40,69% do PIB, o que continua sendo um entrave ao crescimento econômico do país.

Com relação ao aumento dos preços em junho, o Índice Geral de Preços (IGP-M) registrou alta de 0,75%, ou seja, 0,37% acima da registrada em maio, e é a maior taxa desde janeiro, quando o índice registrado foi de 0,92%. Os preços do atacado, principalmente os agrícolas, foram os que mais contribuíram para o aumento do índice, pois o Índice de Preços ao Consumidor registrou queda, -0,44%, 0,51 ponto percentual abaixo em relação ao mês anterior. Já o Índice de Preços por Atacado (IPCA) registrou 1,11% em junho, enquanto que em maio a taxa foi de 0,43%. Os maiores aumentos estiveram nas matérias-primas brutas, como produtos agrícolas (1,80%), principalmente cana-de-açúcar (11,01%) e soja (6,34% em junho,). Dos produtos industriais também apresentaram forte alta o minério de ferro (8,11%) e o ferro-gusa para fundição (11,50%). As quedas mais expressivas de preço no atacado foram na produção de álcool etílico hidratado (-11,78%) e da laranjas (-17,9%). O Índice Nacional de Custo da Construção se situou em 1,45%, alta de 0,64% em relação a maio, particularmente devido aos. preços médios de serviços e da mão de obra subiram 0,81% em maio.

Tendo em vista este relatório de inflação, as autoridades monetárias declararam haver espaço para corte de mais um ponto na taxa de juros até dezembro de 2006, sem que o IPCA supere meta e o Banco Central já dá como certo o cumprimento da meta de inflação deste ano, mas ainda mantém em 4% sua projeção para o crescimento econômico esperado em 2006.

Com um corte de meio ponto percentual, a taxa de juros oficial (Selic) caiu em Junho para 15,25% ao ano. As quedas anteriores haviam sido de 0,75% e, portanto o Banco Central reduziu o ritmo de queda da taxa, embora a maioria dos analistas de mercado acreditasse que ainda havia espaço para um corte de 0,75 ponto neste mês. A menor queda se deveu a uma forte turbulência no mercado internacional, devido à possibilidade de que os juros americanos subam mais do que se esperava inicialmente. Se estes juros continuarem a ser elevados, há o temor de que a economia americana acabe se desaquecendo acima do considerado ideal.

No mês de junho o investidor estrangeiro mais vendeu do que comprou ações na Bolsa de Valores de São Paulo, resultando em saldo negativo já está em R\$ 2,3 bilhões até 20 de junho e em todo o mês de maio, a retirada de investimentos ficou em R\$ 1,51 bilhão. Nas últimas semanas, quase R\$ 41 bilhões em papéis foram vendidos na Bolsa pelos estrangeiros, o equivalente a 61,1% do total vendido em 2006.

A taxa de juro ligeiramente mais baixa não serviu de estímulo à indústria, que ficou estagnada em abril, quando a produção do setor ficou estável, o mesmo se dando na média trimestral encerrada em abril. No entanto, as perspectivas, porém, são positivas devido ao ano de eleição, quando cresce o investimento do governo. Por outro lado, o consumo das famílias tem crescido devido ao aumento da massa salarial, manutenção do crédito e da redução da inflação. O fraco desempenho de abril é resultado do câmbio valorizado que promove a importação de vários itens que antes eram produzidos localmente, particularmente de bens de capital.

Em São Paulo, polo econômico do país, o nível de atividade da indústria cresceu 2,7% em maio, depois de mostrar queda de 1,4% em abril. A previsão de crescimento anual anterior era em torno de 5%, com a economia se expandindo a uma taxa de cerca de 3,5% ou 4%. No entanto, estas previsões foram reajustadas para 4%. As exportações industriais cresceram a uma taxa de 13% no acumulado do ano até maio e as importações crescem 22%, diminuindo parte do dinamismo do setor industrial.

Com relação ao comércio, houve um crescimento de 5% em Maio, e de 5,2% nas vendas em relação a igual mês de 2005. Isto se verificou, pois neste mês, verifica-se sazonalmente uma elevação considerável das vendas em virtude do Dia das Mães, entre outros fatores que impulsionaram as vendas em Maio, como a recuperação gradual dos indicadores de renda real dos moradores da região metropolitana de São Paulo, a inflação em queda e a oferta crescente de crédito.

A renda média real do trabalhador teve alta de 7,7% em relação ao mesmo mês do ano passado e de 1,3% em Maio. Isto é explicado pelo reajuste do salário mínimo, inflação em queda e aumento das contratações com carteira assinada. No entanto, o desemprego contrariou expectativas e cedeu pouco, mostrando que o mercado de trabalho ainda está em "compasso de espera". Ainda que a renda e a formalidade tenham aumentado em maio, a taxa de desemprego caiu apenas 0,2%, passando de 10,4% em abril para 10,2% em maio.

A confiança do consumidor na economia brasileira manteve-se estável em junho e o Índice de Confiança do Consumidor praticamente não se alterou de maio para junho de 2006, passando 101,1 para 101,0. O índice não subiu, porém, porque houve deterioração das expectativas do consumidor em relação aos próximos seis meses.

No que se refere ao comércio exterior, o real valorizado estimula o aumento das importações. Entre janeiro e abril deste ano, a taxa de crescimento total dos bens de capital foi de 30% em relação ao mesmo período de 2005 e as perspectivas para o ano de 2006 são de que a continuidade deste comportamento resultará em superávit de US\$ 41,5 bilhões na balança comercial. No entanto, este crescimento não vem sendo efetuado em um cenário de altos de investimentos na indústria, pois é o segmento de máquinas e equipamentos de escritório (computadores) que tem sido um dos motores da expansão das compras de maquinário e a adoção das importações tem sido utilizada especialmente por empresas exportadoras que veem sua rentabilidade ser corroída pela desvalorização do dólar. A modernização das empresas tem sido feita com a compra de insumos importados e pesquisa mostra que as mesmas pretendem ampliar as importações em detrimento dos produtos nacionais. O maior crescimento entre os importados se refere a bens de consumo, como vestuário, *automóveis, bebidas e brinquedos e vestuário*.

Por outro lado, a moeda nacional valorizada desestimula as exportações totais, que vêm mostrando menores taxas de crescimento; os produtos básicos apresentam desde Abril taxas negativas de crescimento, os manufaturados que em Junho de 2005 apresentavam taxas de crescimento de 20%, no mesmo mês de 2006 cresceram apenas 12%, apesar do empenho dos exportadores. Apenas os semimanufaturados mantiveram taxas semelhantes aos do ano anterior.

As expectativas para a retomada de crescimento da produção se apoiam na continuidade na queda da taxa de juros e em novas ações que visem: fomentar a modernização do setor de bens de capital, visando elevar a produtividade e o declínio no preço relativo do investimento; estimular inovações na construção civil, no que respeita às obras de infraestrutura e às instalações industriais; redução da tributação e o custo de financiamento sobre a indústria de máquinas e equipamentos e insumos produtivos, para ampliar a capacidade instalada no país.

**EITT/PUCSP – Grupo de Pesquisas em Economia Industrial, Trabalho e Tecnologia**  
**Contatos: [anitakon@pucsp.br](mailto:anitakon@pucsp.br) - São Paulo/Brasil**  
**Assistente de pesquisa: Emmanuel Nakamura**